

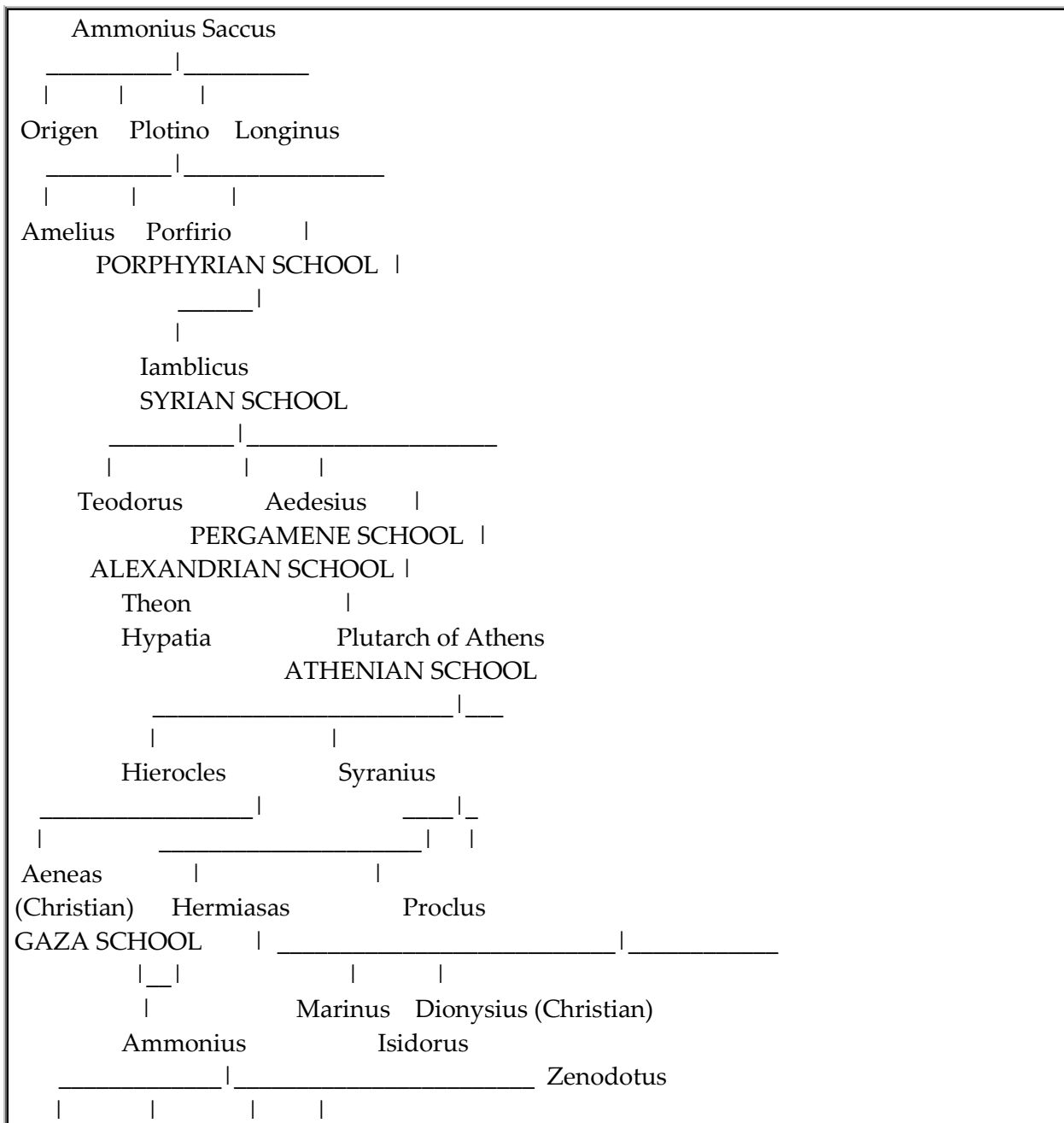
Neoplatonismo

O Neoplatonismo foi a última das grandes escolas da filosofia clássica pagã. Síntese do Platonismo, Aristotelismo, Estoicismo e Pitagorismo, visando uma interpretação esotérica do paganismo grego clássico, incorporou filosofia, teosofia, misticismo e teurgia (ocultismo elevado). Durante 3 séculos serviu como último bastião da sabedoria pagã e filosofia esotérica, num império cristão a cada vez mais hostil. Mesmo após a luz da sabedoria clássica ter se extinguido, o corrente neoplatônica permaneceu, sofrendo novas metamorfoses no misticismo cristão, filosofia islâmica, esoterismo ishraki e sufi e Cabala judaica.

HISTÓRIA DO NEOPLATONISMO

O Neoplatonismo foi a última das grandes escolas da filosofia grega e a mais mística. Seu fundador, Plotino, e seus sucessores ensinaram uma cosmologia emanacionista elaborada.

ÁRVORE GENEALÓGICA DO NEOPLATONISMO



John Philoponus (Christian)		Simplicius (Aristotelean)
Elias (Christian)		
David (Christian)		
Stephanus (Christian)		
school falls into Arab hands	_____	founds Imperial Academy (Constantinople)

AS RAÍZES DO NEOPLATONISMO

Como última grande escola da filosofia e misticismo gregos, o Neoplatonismo emprestou elementos de todas as escolas precedentes. A influência de Aristóteles pode se encontrar no método neoplatônico e nas proposições da lógica. No seu ceticismo do conhecimento empírico, empresta da linha cínica e pírrica. Na sua metafísica dualista emanacionista e aspiração ao Bem, numa esfera espiritual transcendente, é claramente uma continuação da escola platônica. Ao derivar todas as realidades de um Uno transcendente, é puro Neopitagorismo. Sua ética foi tomada do Estoicismo, assim como sua concepção sobre a ação do Divino no mundo e a essência e origem da matéria. O Neoplatonismo pode ser visto como a culminação do pensamento metafísico grego, não como um mero ecleticismo, mas uma verdadeira síntese.

AMMONIUS SACCUS

A pesar de ser considerado o fundador da escola neoplatônica em Alexandria, nenhum de seus escritos e muita pouca informação sobre sua vida têm sobrevivido. Além de Plotino, seus discípulos foram:

- Erennius: membro, junto de Plotino e Origen, membro do círculo íntimo de Ammonius. Nada mais se sabe dele.
- Longinus: considerado por Plotino um estudioso, porém não um filósofo. Em oposição ao Platonismo convencional, colocava as Formas num nível inferior ao do *Nous*. Foi mestre de Porfírio antes que este conhecesse Plotino.
- Origen: não deve ser confundido com o grande teólogo cristão do mesmo nome. Rejeitou o conceito do Uno de Plotino e considerava o *Nous* como o princípio mais elevado.

PLOTINO (204-270 EC)

É um dos gigantes da espiritualidade ocidental, tanto mística quanto filosófica. Nas *Enéades* descreve a realidade nos termos de uma série de hierarquias divinas, as HIPÓSTASES. Prescrevia a rejeição das coisas mundanas e a purificação da alma como meios para retornar ao Uno.

NEOPLATÔNICOS POSTERIORES

Plotino foi o fundador e teórico principal do movimento neoplatônico. Seus discípulos desenvolveram uma cosmologia e metafísica mais sofisticadas dentro do background colocado pelo mestre. Há aqui duas tendências:

A primeira é a de redução do número de hipóstases, como ensinavam as escolas de Plotino e Porfírio. Plotino e seus sucessores imediatos, como Porfírio e um comentarista anônimo, tendiam a “telescopizar” as hipóstases, para reduzi-las a um único Uno panteísta, análogo ao Absoluto imanente do monismo oriental (Advaita Vedanta, Budismo Mahayana etc.) Aqui vemos o lado “místico” do neoplatonismo.

A outra tendência era de aumentar o número de hipóstases, como nos ensinamentos do sírio Iamblicus (fal. 326) e o ateniense Proclus (412-485). Estes não só multiplicaram as 3 hipóstases de Plotino, mas introduziram uma maior sistematização e complexidade com um forte elemento de rigidez.

Sobre esta base, podemos distinguir 3 fases do desenvolvimento pos-Plotino:

- 1- ensinamentos dos discípulos imediatos de Plotino (Porfírio e Amelius)
- 2- as escolas síria e de Pérgamo, derivadas dos ensinamentos de Iamblicus
- 3- as escolas de Atenas e Alexandria nos séculos 5º e 6º

PORFÍRIO E AMELIUS

Amelius Gentilianus era o discípulo senior de Plotino. Enfatizava a unidade entre as almas individuais e o *Nous*, adotando a ideia de Numenius de uma divisão tríplice do *Nous*. Considerava que as Formas eram infinitas em número e postulava uma Forma do Mal. Deu grande valor ao prólogo do Evangelho de João e escreveu uma refutação em 40 volumes de um texto gnóstico.

Embora Porfírio (232- c.305) é melhor conhecido como organizador e sistematizador dos escritos e palestras de Plotino, também realizou contribuições originais respeito da natureza das hipóstases, tendendo a uma posição mais “monista” e panteísta que Plotino. Sua simplificação das idéias de Plotino foram atrativas para os romanos, de mentalidade prática, e influenciou tanto pagãos como Macrobius quanto cristãos como Agostinho.

IAMBLICUS E A ESCOLA SÍRIA

Iamblicus foi o principal representante do Neoplatonismo sírio. Modificou a metafísica básica de Plotino através de uma maior elaboração das hipóstases, uma aplicação mais sistemática do simbolismo numérico pitagórico, e sob a influência dos sistemas orientais, colocou menos ênfase na abordagem intelectual e maior no mágico, oculto e mítico. Desta maneira apresentou uma interpretação filosófica da religião helenista. Sua influência abrange até os

teosofistas de final do século 19º e começos do 20º .

Aedesius foi o principal discípulo de Iamblicus. Fundou uma escola em Pérgamo (hoje Albânia), que parece ter colocado a ênfase no caminho filosófico-místico plotiniano de purificação mais que só o teúrgico.

Teodorus de Asine foi outro aluno, rompeu com o mestre e ensinou uma síntese de vários ensinamentos, contendo elementos de Numenius, Plotinus, Amelius, Porfírio e Iamblicus. Parece não ter produzido influência duradoura.

Iamblicus e seus sucessores rejeitaram a especulação filosófica pura do primeiro Neoplatonismo e foram enfatizando a teurgia, o que é paralelo à tendência m de enfatizar os procedimentos mágicos rituais das formas tardias de Budismo e Hinduísmo (Tântrico). Também tinha uma tendência para o escolasticismo e uma aderência literal às fontes clássicas, além de uma complexidade metafísica crescente. Em contraste com a simplicidade da hierarquia de Plotino, as escolas de Iamblicus e pos-Iamblicus formularam uma proliferação de hipóstases, com divisões muito rígidas entre elas.

PROCLUS E A ESCOLA ATENIENSE

Até o começo do século 5º, as escolas neoplatônicas ainda floresciam nas principais cidades do Império. O assassinato da matemática Hypartia por uma banda de cristãos fanáticos demonstrou que a Igreja não mais tolerava a presença do “paganismo”. Embora a escola em Alexandria mantivesse uma existência instável até a metade do século 6º, foi em outro lugar que a filosofia helenista encontrou seu último refúgio. Em Atenas, agora uma simples cidade provinciana, um centro neoplatônico ainda prosperava. Num momento no qual a civilização clássica declinava, a academia ateniense retornou a um método e sistema filosófico mais estrito. Procurava interpretar a tradição grega inteira à luz de Plotino, para transformá-la num sistema compreensivo bem tecido. O misticismo e magia dos primeiros tempos foram substituídos por uma abordagem mais intelectual, escolástica. Para estes neoplatônicos atenienses, os trabalhos de Platão, os oráculos caldeus, os poemas órficos e muito mais eram escritos divinamente inspirados, constituindo o material básico que seria elaborado através de uma hermenêutica dialética.

O primeiro chefe da escola foi Plutarco (fal. 432), que não deve ser confundido com o grande biógrafo romano do mesmo nome. A escola floresceu sob seu discípulo Syrianus (fal. C.437), um importante comentarista de

Platão e Aristóteles, e Proclus (412-485), o último grande pensador grego, quem é o mais famoso e mais importante dos neoplatônicos tardios. A seguir, sob Marianus, Isidorus, Hegias e Zerodotus, começou o período do declínio. Sob o talentoso Damascius houve um revival do Platonismo, e é possível que este foi o motivo para que o imperador Justiniano fechasse a escola.

A ESCOLA DE ALEXANDRIA

A escola de Alexandria não é a mesma que a vibrante academia sob Ammonius. Parece datar do final do 4º e começo do 5º séculos, representada pelo matemático Theon e sua filha Hypartia, martirizada por uma banda instigada por Cirilo, o infame líder da igreja.

A perseguição parece ter sido comum. Hierocles foi perseguido pelas autoridades em Constantinopla, embora seus ensinamentos fossem mais monoteístas que os de outros neoplatônicos pagãos. Ironicamente, a escola de Alexandria incluía entre seus membros alguns filósofos cristãos, como Aeneas e João Philoponus.

Foi só com Heimonius e seu filho Ammonius, que uma sucessão definida pode ser traçada em Alexandria. Olympiodorus, o comentarista platônico, foi o último pagão chefe da escola; depois de sua morte passou para mãos cristãs sob os comentaristas aristotélicos Elias e David. O último chefe da escola, Stephanus, mudou-se para Constantinopla onde foi o chefe de uma academia em 610. Em 641 a escola de Alexandria foi capturada pelos árabes. Assim teve um papel importante na transmissão do pensamento neoplatônico para as civilizações bizantina e islâmica.

Enquanto a escola ateniense, estava fortemente influenciada por Iamblicus e partilhava de seu entusiasmo pela metafísica, rituais e paganismo, a escola de Alexandria concentrou-se no estudo puro. Apesar da rivalidade entre ambas, sua relacionamento era próximo e o casamento entre seus membros era comum. A maioria estudava em ambas cidades antes de instalar-se definitivamente numa delas.

O FIM DO NEOPLATONISMO

Os trabalhos de Proclus exerceram uma grande influência no seguinte milênio. Não só constituíram uma das pontes pelas quais os pensadores medievais redescobriram Platão e Aristóteles, mas também determinaram o método científico até o século 16º, e através do “pseudo-Dionísio”, deram origem e sustento ao misticismo cristão da Idade Média.

Em 529 Justiniano fechou a escola de Atenas. Damascius, o comentador de Aristóteles Simplicius e 5 outros neoplatônicos partiram para Pérsia, esperando poder ensinar e continuar lá sob Chosroes I. porém as condições eram desfavoráveis e deveram voltar a Atenas.

O Neoplatonismo foi o último dos grandes sistemas helenistas a cair. Porém muito dele sobrevive sob formas cristãs e islâmicas. No Ocidente, o neoplatonismo cristão exerceu uma grande influência na filosofia e teologia até a aparição do materialismo científico nos séculos 17º e 18º

O Neoplatonismo teve um profundo efeito no pensamento místico cristão e islâmico medieval, na Cabala judaica, hermetismo renascentista, platonismo de Cambridge do século 18º e na teosofia do século 19º. Nos círculos islâmicos mais filosóficos ainda é forte, aparecendo na obra de filósofos modernos como Fritjof Schuon e Sayyed Hossien Nasr. Através da teosofia, traços podem ser vistos na moderna New Age. Através do Islã e o Sufismo ingressou no “Novo Paradigma” e na psicologia transpessoal.

PLOTINO

204/5-270 EC, nasceu no Egito mas era grego por educação. Estudou filosofia em Alexandria sob Ammonius Saccus, antes de participar na campanha militar contra Pérsia onde conheceu as idéias da Índia. Foi para Roma c.244 onde ensinou até 268. Suas palestras só foram escritas mais tarde. Como figura central do Neoplatonismo, Plotino foi o representante da tradição filosófica espiritual que começa com Platão ou antes, e atravessa os estágios do pos-Platonismo inicial e o Platonismo Médio(Filo de Alexandria).

A METAFÍSICA DE PLOTINO

EMANAÇÃO

O centro da metafísica de Plotino é o processo de emanação incessante desde o Uno. Plotino usa metáforas tais como a radiação de calor do fogo, de frio da neve, cheiro de uma flor ou luz do sol.

O tema básico reaparece na máxima escolástica “o bem se difunde a si mesmo” (*bonum diffusivum sui*); as entidades que atingiram a perfeição de seu próprio ser não guardam esta perfeição para si mas a expandem através da geração de uma imagem externa de sua atividade interna.

A emanação do Uno não pode terminar até que tudo o que for possível tiver vindo à existência. A criação não pode parar no mundo dos deuses mas deve continuar para baixo, através de todos os níveis possíveis de ser e imperfeição. As coisas não podem ser todas boas, e de fato, o mundo seria menos perfeito se o fossem, assim como as partes isoladas de uma bela obra de arte não sejam belas em si.

Em contraste com a idéia monoteísta de D-us que cria através de um ato de vontade, Plotino vê a atividade das hipóstases divinas mais como uma operação espontânea da natureza que como o esforço deliberado de um artesão humano.

MISTICISMO

Para Plotino e outros místicos gregos como Pitágoras e Platão, a espiritualidade significa a ascensão desde a realidade sensível inferior até a realidade espiritual superior. Como cientistas do século 20º como Einstein, estes antigos místicos gregos derivavam sentido e propósito da contemplação da natureza. Porém, no lugar de contemplar a maravilha da realidade física visível, contemplavam a maravilha da realidade espiritual invisível que viam como a causa e significado último por trás da realidade física. Plotino acreditava que o homem deve rejeitar as coisas materiais e devia purificar sua alma para poder elevá-la até a comunhão com o Uno.

AS HIPÓSTASES

Também central na cosmologia de Plotino é a corrente de hipóstases:

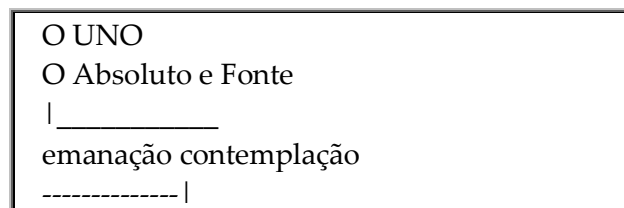
“Respeito da existência que é supremamente perfeita (o Uno), devemos dizer que só produz as maiores coisas que se encontram debaixo dela. Mas aquilo que é o segundo em, perfeição, o segundo princípio é a Inteligência (Nous). Inteligência contempla o Uno e não precisa de nada mais que dele. Mas o Uno não tem necessidade da Inteligência (sendo o Princípio Absoluto é totalmente auto-suficiente). O Uno, que é superior à Inteligência, produz a Inteligência que é a existência mais excelente depois dele, pois é superior a todos os outros seres. A Alma (do mundo) é a Palavra (Logos) é uma fase da atividade da Inteligência assim como a Inteligência é o logos e uma fase da atividade do Uno. Porém, o logos da Alma é escuro, sendo só uma imagem da Inteligência. A Alma, portanto, se dirige à Inteligência, assim como esta, para ser Inteligência, deve contemplar o Uno... Cada ser criado anseia pelo ser que o criou e o ama”.

O LOGOS

Como o relacionamento entre uma hipóstase e seus produtos, o Logos denota o plano ou princípio formador do qual evoluem as realidades inferiores e que governa seu desenvolvimento.

Plotino usa o termo não para indicar uma hipóstase separada (contra Filo, cristianismo etc.) mas para expressar o relacionamento entre uma hipóstase e sua fonte ou seus produtos ou ambos.

Para Plotino, portanto, a relação entre os graus do ser, ou hipóstases, é um processo duplo. Há um processo descendente de emanação e um correspondente processo ascendente de retorno através da contemplação. Isto pode ser representado esquematicamente:



NOUS

A “mente divina”;
Eterna e Transcendente.

| _____
emanação contemplação

-----|

PSYCHE

“Alma”; o poder dinâmico, criativo,
temporal, tanto cósmico (“Alma do
Mundo”) quanto individual (a consciência
humana)

O mundo dos sentidos.

PROCESSÃO E REVERSÃO

Plotino distingue dois estágios de emanação. O primeiro, *prohodos*, ou processão é o fluxo sem forma, infinito da vida, que flui desde o Uno. Mas é impossível para os seres receberem forma alguma enquanto o descenso na multiplicidade continuar descontrolado; devem voltar-se sobre si mesmos e imitar a perfeição de sua origem o melhor que possam. Por isso, no segundo estágio, *epistrophe*, reversão, os seres se voltam, contemplam o Uno e assim recebem forma e ordem. Na subdivisão da segunda hipóstase em Ser, Inteligência e Vida, Vida, a Segunda Hipóstase no seu estado sem forma (processão) e Inteligência no segundo estágio (reversão), quando já recebeu forma e limite.

Este tema foi retomado mais recentemente na idéia teosófica de “ondas de vida” ou “essência monádica” que emanam do Absoluto, mas que ainda estão no arco involutivo ou descendente, e portanto, ainda sem forma.

AS TRÊS HIPÓSTASES

- O UNO
- O NOUS
- A ALMA

A INFLUÊNCIA DE PLOTINO: A CONEXÃO ISLÂMICA

Os ensinamentos de Plotino exerceram influência não só no Neoplatonismo posterior e nos Gnósticos mas também no mundo islâmico. Isto aconteceu quase por acidente. Uma tradução árabe de uma seção de Plotino, com comentários de Porfirio, apareceu com o título de “Teologia de Aristóteles”. Como os pensadores islâmicos medievais tinham o maior respeito por Aristóteles, esta obra exerceu uma forte influência formativa no pensamento filosófico islâmico. Assim, enquanto o Neoplatonismo não era mais aceito em ocidente, mas que como curiosidade intelectual, este não é o caso do muçulmano inteligente e místico. Um Neoplatonismo islamizado conservou sua popularidade entre os filósofos até o dia de hoje. De fato, qualquer um que ler as obras de Fritjof Schuon, o importante teólogo de orientação sufi contemporâneo, perceberá a forte tendência plotiniana de sua metafísica.

PORFIRIO

Nasceu em Palestina, estudou em Atenas e uniu-se ao grupo neoplatônico de Plotino em Roma. Embora não fosse um pensador original da estatura de Plotino ou Iamblicus, tinha uma grande sabedoria, interesse e talento para a crítica histórica em filológica, e o sincero desejo de eliminar os falsos ensinamentos para enobrecer as pessoas e volta-las para o Bem. Declarou a salvação da alma como o fim último da filosofia.

Dentre suas muitas obras:

- “Contra os cristãos”: não se dirige contra Jesus nem seus ensinamentos mas contra os cristãos de sua época e seus livros sagrados, que argumentava, eram a obra de pessoas ignorantes e enganadoras. Embora foi proibido e destruído, muitos extratos permanecem nos escritos de Agostinho e outros.
- “Ajuda para o estudo dos inteligíveis”: um sumário básico do Neoplatonismo
 - “Introdução as categorias”: comentário sobre as Categorias de Aristóteles, descrevendo como as qualidades atribuídas às coisas podem ser classificadas
 - “Carta a Marcela”: discurso sobre a trilha espiritual
 - Uma breve biografia de Plotino

Sua obra principal é como compilador das obras de Plotino. Sob o nome de “Enéadas” ou “Nines”, assim chamadas por estar divididas em capítulos de 9 seções cada um. As Enéadas viraram um livro do maior significado e influência, não só no mundo romano helenista, mas nos mundos islâmico e cristão da Renascença.

IAMBLICUS

Iamblicus de Chalcis era aluno de Porfirio, e depois de Plotino, a figura mais importante do neoplatonismo. Introduz uma fase totalmente nova no Neoplatonismo, mudando-o de um sistema de filosofia num de teologia e ocultismo.

Iamblicus afirmou que a filosofia ou pensamento sozinho (a contemplação místico-filosófica de Plotino) é suficiente para unir o filósofo com os deuses. É também necessário ações mágicas rituais apropriadas, ou Teurgia, o poder conferido por graça divina aos rituais e os objetos simbólicos que utiliza.

A palavra “teurgia” significa não só “obra divina” mas “fazendo deuses” ou “fazendo deuses do homem”, dirigida como contraste para a teologia, que meramente fala dos deuses e teoria, a contemplação filosófica puramente intuitiva advogada por Plotino. Era de fato uma forma de magia ritual, na tentativa de encarnar uma força divina num objeto material como uma estátua ou num ser humano, produzindo um estado de transe visionário.

Para os Neoplatônicos estas forças pertenciam à ordem natural por sua base emanacionista (monista).

Iamblicus admitia a possibilidade de que a alma fosse capaz de elevar-se a níveis mais altos, mas a diferença de Plotino, isto não era possível para os poderes da alma mas precisava da teurgia que associava a alma com sua causa transcendente, os deuses. Aqui a magia é substituída pelo misticismo. Isto não significa que a teurgia obrigava os deuses: o inferior não pode mandar no superior. Mas os rituais invocavam os deuses através de uma entrega voluntária de poder divino, . Assim os deuses purificam a quem os reverencia e o eleva no mundo inteligível ou divino.

PROCLUS DIADOCHUS

Foi o último dos grandes mestres platônicos. Nasceu em Constantinopla numa família acomodada. Foi enviado para Alexandria para ser educado, e foi ensinado pelo filósofo aristotélico Olympiodorus o Velho, o matemático Heron (que não é o famoso matemático desse nome). Parece que não se sentiu satisfeito, pois ainda adolescente, mudou-se para Atenas, onde estudou na academia de Platão com os filósofos Plutarco e Syrianus. Pronto estava ensinando na Academia e sucedeu a Syrianus como administrador da escola ateniense, chegando a ser seu diretor, posição que manteve pelo resto de sua vida. O título “diadochus” lhe foi dado nesta época, significa “sucessor”.

Poeta, filósofo e cientista, Proclus também era um expoente do universalismo religioso. Acreditava que o verdadeiro filósofo deve render homenagem aos deuses de todas as nações, virando um “sacerdote do universo inteiro”. Foi iniciado numa série de escolas místicas, compus hinos aos deuses, jejuou em honra a divindades egípcias, praticou teurgia, e opus-se a cristianismo por sua expectativa do fim do mundo. Era vegetariano, não se casou e era muito considerado por seus contemporâneos. Seu aluno e biógrafo, Marinus de Samaria, declarou que era inspirado e que quando filosofava, seu rosto brilhava com uma luz preternatural.

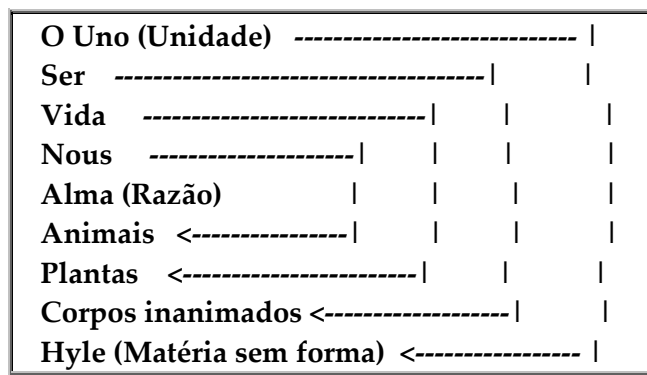
Além de seus comentários sobre as obras de Platão, as obras mais importantes de Proclus que sobreviveram são Elementos de Teologia (uma avaliação sistemática da metafísica neoplatônica) e teologia platônica.

A METAFÍSICA DE PROCLUS

Como com seus predecessores, Proclus ensinou a existência de uma realidade última e indescritível, o Uno. O Uno é o originador de todas as coisas e equivale ao Bem. O nível mais alto de realidade subsiste numa mente objetiva do Uno (comparar com o Vedanta hindu). Desde o Uno todas as outras realidades, incluindo os deuses, daimons, humanidade e universo material, são produzidos por um processo de emanação. Quanto mais longe do Uno, menos real é.

Proclus levou a complicada metafísica de Iamblicus a níveis maiores. Substituiu os mundos de Iamblicus com uma complexa classificação em 6 níveis do Uno-Vida-Nous-Alma-Corpo. Estes vários princípios são descritos como as causas mais elevadas da criação inferior. Segundo Proclus, quanto mais elevado na escala esteja o princípio, mais abaixo chega sua influência.

Isto pode ser representado da seguinte maneira:



Esta ideia dos princípios inferiores como o reflexo invertido dos superiores aparece em outros lugares, por exemplo, na cosmologia de Sri Aurobindo e de maneira não invertida, na sequência de planos e princípios da Teosofia.

TEURGIA

Proclus, como seu mestre Syrianus, identifica o Demiurgo (o deus criador, pai e fazedor do universo) com o Nous divino. Utilizou o ritual teúrgico baseado nesta *sympatheia* para atrair seres intermediários conhecidos como deuses-líderes (*hoi hegemonikoi theoi*). Enquanto o Demiurgo que contém as causas de maneira unificada, se caracteriza pela identidade (*tauton*), os deuses-líderes se caracterizam pela semelhança (*homoiotes*), que é um grau menor de unidade (semelhança no lugar de identidade). Estes seres, “se amarram através da semelhança a suas causas, que estão contidas no demiurgo, e elevam e desdobram todas as coisas nesta unidade demiúrgica”, incluindo “as almas abençoadas dentre nós, que são elevadas das andanças no mundo para virar para sua fonte”. Proclus utilizou hinos e rituais teúrgicos baseados em *sympatheia* (o que no moderno hermetismo chama-se de correspondência) para atrair os deuses-líderes para poder ser elevado até o Nous. São fascinantes as semelhanças com o sistema mágico ocultista da ordem hermética do Amanhecer Dourado do século 19º e em todo ocultismo hermético ocidental posterior.

PSEUDO-DIONÍSIO

O sírio “pseudo” Dionísio. O Aerogaita (c.500) pode ter sido um monge ou uma série de livros anônimos que citavam grandes partes de Proclus. Dionísio pode ser considerado o fundador do misticismo cristão. De fato, a palavra “misticismo” na sua acepção atual deriva dele.

Através de Dionísio, a ideia das hierarquias angélicas foi estabelecida na Europa medieval e renascentista e mais recentemente, nas obras de Rudolph Steiner.

INFLUÊNCIAS DO NEOPLATONISMO.

MISTICISMO CRISTÃO

Cf o já mencionado sobre o pseudo Dionísio.

Porém, a partir dos séculos 12 e 13 não são mais Platão nem Plotino quem modela o pensamento ocidental, mas Aristóteles, através dos filósofos religiosos: Maimônides (judeu), Averroes (muçulmano) e Tomás de Aquino (cristão).

NEOPLATONISMO ISLÂMICO

Se a influência do neoplatonismo no Ocidente medieval foi grande, não o foi menos no Oriente Médio islâmico, especialmente através do pseudônimo “Teologia de Aristóteles” (derivada de Plotino e Porfírio).

INFLUÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Finalmente, no ocultismo ocidental de final do século 19, as idéias platônicas e neoplatônicas aparecem em destaque na teosofia de H. P. Blavatsky.

Esta influência, porém, não continuou nos escritores teosóficos posteriores. A metafísica pop-esotérica da New Age que apareceu nos 70's é uma síntese de Teosofia pos-Blavatsky, Vedanta monístico (trazido para Ocidente por vários gurus), Taoísmo (especialmente o tema do Yin-Yang) e um misticismo superficial de física quântica (Capra, etc.) Também o Novo Paradigma (décadas de 70 e 80) tem algo de neoplatônico, devido à conexão islâmica, especialmente Fritjof Schuon, Huston Smith (estudioso de religiões comparadas) e Ken Wilber (psicologia transpessoal).

AS HIPÓSTASES NA METAÍSICA NEOPLATÔNICA

A palavra “hipóstase” significa “estado subjacente”, ou substância subjacente. Em outras palavras, a realidade fundamental sobre a qual todo o demais se apoia. A visão do mundo neoplatônica ensina que por trás da superfície dos fenômenos que se apresentam a nossos sentidos, há estes princípios espirituais superiores, as hipóstases, cada uma mais sublime que a precedente. Estas são: o Uno ou Absoluto, o Nous ou “mente divina” e Psyche ou “alma do mundo”. Cada princípio emana o seguinte, como sua imagem. O Uno é a Fonte transcendente e inefável de tudo. Daqui emana o Nous, a consciência divina eterna. O Nous gera a “alma do mundo”, a consciência criativa que existe no tempo. De e através a “alma do mundo” é formado o cosmos material. O filósofo, através da contemplação das realidades espirituais, retorna para a Fonte, completando assim o ciclo de processão (emanação) e retorno.

Os filósofos neoplatônicos fizeram equivaler as hipóstases às deidades do panteão grego.

As hipóstases do neoplatonismo constituem um exemplo bem definido de uma representação emanacionista da realidade- a idéia de que a realidade começa numa divindade transcendente, inefável e infinita original, ou Absoluto, e que este passa por uma série de estágios de diminuição ou privação, a gradação do espírito à matéria.

As hipóstases neoplatônicas em relação a outros sistemas:

Plotino (Neoplatonismo)	Budismo Mahayana	Kashmir Shaivism	Ibn Abi (Sufismo)	Kabbalah
Hipóstases	trikava	kala	hadrath	olam (mundo)
Uno	Dharmakaya	Paramashiva Shiva tattwa		En Sof
Nous (mente divina)	Sambhogakaya	tattwas puro Puro-Impuro		Atzilut Beriah
Alma do mundo	Nirmanakaya (corpos sutis e grosseiros)	Impuro		Yetzirah
hyle (mundo dos sentidos)		Terra		Asiyah

HIPÓSTASES SEGUNDO PLOTINO

O UNO

Plotino ensinou que a realidade é uma gradação ontológica, ou seja, uma gradação de níveis de ser. A realidade mais elevada ou primeiro princípio, que Plotino chamou de O Uno (*to hen*) é o mais perfeito e criativo de todos.

“Que [O Uno] que é eternamente perfeito é eternamente produtivo. Que aquilo que produz [o Nous] também é eterno, embora inferior ao princípio gerador...”

Na visão de Plotino, a multiplicidade é uma fragmentação da Unidade original. Portanto, cada estágio de emanação é um descenso numa multiplicidade maior, que significa maior restrição, mais necessidades e a dispersão e enfraquecimento do poder dos estágios prévios. Portanto, o princípio supremo deve constituir a negação da dualidade, em outras palavras, O Uno. E, numa maneira que foi muito controvertida para os gregos, com seu horror pelo infinito, Plotino descreve o Uno como sem forma, sem medida e infinito.

Plotino foi assim um primeiro advogado em Ocidente do que mais tarde se chamou de “teologia negativa”, que diz que nossas palavras e conceitos só podem nos dizer o que o Absoluto não é, nunca o que é. Ao negar que o Uno é movimento, não estamos dizendo que é repouso, mas que está num nível onde a dualidade movimento-repouso não se aplica.

No misticismo hindu, a teologia negativa data dos primeiros Upanishads (tratados místicos, o mais antigo dos séculos 7 e 8 ACE) onde se diz que Brahman (o Absoluto) é “neti neti”- “nem isto nem aquilo”. Também no Budismo, especialmente as escolas de Madhyamika e Zen, a dialética da teologia negativa foi e é de importância central.

Plotino aplica o tema de Platão do Bem ao papel do Uno como objeto supremo da aspiração para todas as realidades inferiores, devido a sua absoluta liberdade de toda limitação e falta de desejos. O Uno não tem necessidade de seus produtos e não se importaria se não tivesse produto algum; o processo de emanação deixa o Uno totalmente sem ser afetado nem preocupado.

O NOUS

O início de cada hipóstases constitui uma descontinuidade particular no espectro ontológico. O Uno se caracteriza por unidade absoluta, perfeição, eternidade e criatividade. O Nous ainda é eterno, criativo, perfeitamente “blissful” e totalmente espiritual mas não é mais unitário. Esta é a região das formas espirituais de Platão. Isto vem do platonismo Médio, que via as Formas como pensamentos de D-us.

No nível do Nous, o indivíduo ainda conserva sua própria identidade mas sua contemplação abarca todo o Mundo Inteligível e tudo quanto nele há. E como neste nível sujeito e objeto são idênticos, cada membro da ordem Inteligível se identifica com toda essa ordem e com cada membro da mesma. Assim, a “inteligência universal” é uma espécie de “unidade-na-pluralidade”. Esta idéia vem de Numenius, o filósofo neopitagórico (“tudo está em tudo”).

Nous (Inteligência) é o nível da intuição: o pensamento discursivo é ultrapassado e a mente atinge uma visão instantânea e direta da verdade. A distinção entre Alma e Inteligência corresponde à diferença entre pensamento discursivo e intuitivo. O pensamento discursivo significa o raciocínio desde premissa a conclusão (perceber primeiro uma coisa e após outra).

A ALMA

Coma a Alma começa o tempo, e portanto, a criação (pois a criação, por própria natureza requer uma sequência para acontecer). Enquanto o Nous abarca todo o mundo noético numa visão atemporal, a contemplação da Alma é obrigada a mudar de uma coisa para outra. Assim a Alma constitui o Nous projetado no tempo. Embora ainda criativa e espiritual, já não é eterna nem perfeita em sua consciência. Não pode ver as coisas numa maneira holística e que abarque o tudo, mas só sucessivamente, imperfeitamente, momento após momento, nos termos de passado e futuro. Seguindo o pensamento grego, Plotino se refere a uma alma do mundo divina original, criadora dos cosmos visível e das almas individuais, como a alma humana.

Os estóicos conceberam as almas individuais como partes da Alma do mundo. Para Plotino, a Alma do mundo em si já é uma alma individual, embora muito grande, cujo corpo é o cosmos que ela forma e administra. Mas, tanto as almas individuais quanto a alma do mundo são manifestações da Alma universal única. Esta é essencialmente a mesma, como diz o filósofo monista hindu Shankara, a alma individual (Jiva e Ishwara) ou o deus criador e governante do universo são ambos o resultado da super imposição (Maya) sobre o Absoluto (Atman-Brahman).

Além desta divisão “horizontal”, há uma divisão “vertical”. Plotino e sucessores integraram a distinção platônica entre as almas racionais e irracionais no esquema de Aristóteles (faculdades vegetativa, sensitiva e racional da alma). Assim postularam todo um espectro de níveis de consciência psíquica.

Sendo um pensador intuitivo e inspiracional mais que sistemático, Plotino às vezes divide a Alma em superior/racional e inferior/irracional, outras vezes em 3 ou mais níveis, sendo as várias classificações contraditórias entre si. Às vezes a alma racional é identificada com a alma “não caída”. Plotino foi tão longe como para dizer que a alma é um “cosmos inteligível”, contendo não só todos os outros princípios da alma (ou *Logoi*) mas também os níveis de Nous e o Uno, podendo atingir qualquer um destes princípios; idéia próxima do conceito Vedântico e budista e “Iluminação” ou “Liberação”.

A psicologia de Plotino é a seguinte:

- O topo da Alma está no nível de “não caída”, que não desce até este mundo; a Alma noética. Está em constante contemplação transcendente do Nous eterno.
- A Alma racional é o nível mais elevado da psyche humana comum, capaz de aproximar-se do espiritual.
- Alma irracional ou animal, limitada às paixões e desejos corporais ou animais. Esta é a alma corporal ou “vegetativa” (*phytikon*) responsável pelo crescimento e nutrição, apetites corporais e emoções.

Portanto, a alma é um “anfíbio”, pertencendo tanto ao mundo físico quanto ao inteligível (noético). Este conceito de psicologia “vertical” aparece de maneira proeminente na Cábala e o Sufismo e está conosco (sem o elemento espiritual mais elevado) na distinção freudiana entre Ego (alma racional) e Id (alma irracional). Na teosofia e ocultismo modernos, esta gradação também aparece, como corpos mental e astral (emocional ou desejos).

Às vezes, Plotino acrescenta uma outra hipótese, *Physis* ou Natureza, como a projeção mais baixa da Alma, a escura consciência das plantas, intermédia entre a Alma e o mundo sensível. A versão teosófica disto é o “plano etérico”.

A Alma é a mais baixa das hipóteses, a mais baixa irradiação do Absoluto. Deficitária como é, ainda retém um traço da autenticidade ontológica original (ser espiritual) dos princípios mais elevados. Por baixo da Alma, só está a matéria não-consciente (*hyle*), que Plotino igualava ao “não ser” e privação total. Plotino descreve a matéria como “não ser”, por causa de sua falta de forma e absoluta insubstancialidade, embora negue que isto signifique absoluta não-existência.

EMANAÇÃO

A palavra “emanação” vem do latim, “*e-manare*”, fluir. O cosmos e os seres finitos são vistos como tendo emergido da realidade absoluta através de um “fluxo”. Se utilizam metáforas como o mar (o Absoluto) e as ondas (o Universo); o sol e a luz que dela irradia, uma fonte que flui, etc.

Segundo o Emanacionismo, a criação acontece através de um processo de emanação. O cosmos todo, ainda todos os deuses e divindades além do cosmos, surgiram através da emanação. Assim como o oceano forma sua superfície em ondas, assim o Absoluto forma manifestações sucessivas, entidades sucessivas. Estas, por sua vez, criam- melhor, emanam- outras entidades, e assim por diante, todas as entidades se combinam e interagem na rede da existência.

Cada um dos níveis de realidade pode ser chamado de “:mundo”. Mundo é um termo geral que denota qualquer reino ou universo de existência auto-limitado. Poderíamos falar também de universo, cosmos, esfera, reino, plano, horizonte, raelidade, estado de existência, estado de consciência, etc. A palavra “mundo” é a escolhida só porque é um termo geral útil. Podemos pensar no relacionamento entre \cada um destes níveis

como “corpo e alma”, “espírito e matéria”, “criador e criatura”: cada nível superior é a alma, espírito e criador do nível imediatamente inferior; o corpo, matéria e criatura (ser criado) do nível imediatamente superior.

A posição emanacionista está baseada não numa dicotomia criador-criado única mas numa série ou “hierarquia” de realidades ou “mundos”, arrumadas “verticalmente”. Cada mundo superior “gera” o imediato inferior, através de um processo de emanação, ficando na posição de “deus” ou “criador” do nível inferior. Assim, a criação não é criação ex-nihilo mas criação desde a hipóstase mais elevada.

Cada um dos níveis ou estágios neste espectro, ou “grande corrente do ser”, tem suas características específicas. Assim podemos falar do mundo psíquico (“plano astral”), mundo angélico, mundo arcangélico, mundo divino etc., hierarquia sobre hierarquia, mundo sobre mundo, uma espécie de epifania ou manifestação do divino; todos olhando para abaixo, para a matéria, e também olhando para cima, para a divindade.

EMANACIONISMO

O Emanacionismo explica a criação como um processo gradual de emanação e descenso desde um Absoluto transcendental até a realidade mundana. Não há um criador, um deus afastado (embora intimamente conectado) do universo, mas uma série de estágios de descenso, através do qual o princípio Absoluto vira de fato a multiplicidade de entidades e objetos.

Esta cosmologia, originada de maneira independente em diversas tradições filosóficas e espirituais, mostra que a realidade está dividida num mínimo de quatro níveis ou planos de realidade: o Infinito ou Absoluto (o tópico do monismo), o celestial ou divino, o intermédio ou psíquico (tema do ocultismo) e o terrestre ou físico (tópico do materialismo). Cada um destes, por sua vez, se subdivide.

Assim, aplicando isto, o processo de criação procede através de um número de estágios diferentes. Primeiro, o Absoluto produz a realidade espiritual, quem produz a realidade psíquica, quem finalmente, produz a realidade física, o mundo material. Cada realidade constitui um estágio específico de manifestação.

O emanacionismo entende que as realidades mais sutis e espirituais precedem e geram as mais grosseiras e materiais, e não ao contrário, como sustenta o materialismo. As realidades mais grosseiras são o resultado de um fluxo a partir das sutis, não são criadas ex-nihilo. O Emanacionismo também evita o dilema monista (como reconciliar a unidade com a multiplicidade), ao reconhecer que ambos, o universo e o Absoluto, são “igualmente” reais e válidos, mas só têm uma posição ou status diferente no espectro do ser.

ONTODINÂMICA DA EMANAÇÃO

Assumindo a metafísica emanacionista como válida, podem ser descritos vários axiomas ou leis (princípios de emanação ou leis de manifestação). Aqui é listada uma dúzia, muitos mais podem ser propostos, na linha de “Elementos de teologia” de Proclus, a “Monadologia” de Leibniz, a filosofia linguística de Wittgenstein, etc.: princípio de realidade autêntica; princípio de hipóstases distintas; princípio de qualidade; princípio de causalidade em descenso; princípio da base indiferenciada; princípio de não diminuição; princípio de reflexão; princípio de proximidade; princípio de fractalização.